

# humanitas

**Vol. XXVII-XXVIII**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXVII E XXVIII



COIMBRA  
MCMLXXV-MCMLXXVI



I **Classici nel Medioevo e nell'Umanesimo. Miscellanea Filologica.**  
 Università di Genova — Facoltà di Lettere. Istituto di Filologia  
 Classica e Medievale 1975, 300 pp.

O presente volume oferece-nos um conjunto de trabalhos provenientes da Faculdade de Letras da Universidade de Génova. Trata-se de uma «miscellanea filologica» e, na verdade, o teor dos estudos não atraiçoa a indicação da portada.

Não é fácil analisar um a um em profundidade os onze trabalhos apresentados nas jornadas filológicas de Génova havidas em fevereiro de 1974. Atenemos, entretanto, que o volume abre significativamente com um estudo sobre Lorenzo Valla, o erudito que influenciou mais de uma faceta do humanismo, com particular relevo para a zona da crítica do texto sagrado. O autor do trabalho, Riccardo Fubini, sabe anotar o facto, e talvez por isso mesmo teça algumas considerações prévias sobre a natureza do humanismo; é, no entanto, sensível que ele pensa no humanismo italiano e não é difícil pressentir a influência dos esquemas elaborados pelo grande estudioso Eugenio Garin. Princípiam por insistir no significado que o retorno ao modelo antigo necessariamente comportava, qual era o das suas relações com uma linha religiosa e doutrinária — mas também cultural e linguística — que provinha das raízes escriturárias e patrísticas. O autor recusa o modelo tradicional da oposição entre um humanismo identificado com um indefinido livre pensamento e a autoridade e transcendências medievais, sem com isso significar que o humanismo tenha sido obrigatoriamente uma síntese em si (por exemplo, a aceitação do gosto pelo classicismo no âmbito de uma disciplinada ortodoxia religiosa). Sem negar a possibilidade de sínteses humanistas, como terão sido a ficiniana e a erasmiana — sínteses que, evidentemente, no fundo coincidem com os próprios homens que as elaboraram —, o autor tem sobretudo em mente o desvinculamento «di quel processo culturale che fu l'umanesimo» em relação à tradição antiga «e dunque profana», e da subordinação hierárquica à autoridade doutrinária dos Padres da Igreja «e ai relativi giudizi di valore e disvalore» (p. 12).

Tudo isto conduz directamente ao problema do «humanismo cristão» que não abarca, deduz-se das nem sempre muito claras observações do autor, todo o humanismo. Muito provavelmente Fubini tem aqui em mente o esquema explicativo de Garin; aliás, um pouco adiante, num outro trabalho deste mesmo volume, há-de sugerir-se o paralelismo entre as permanências medievais na filosofia humanista e o que, a propósito de uma imitação de Pontano, se diz de semelhante no campo da poesia. Na verdade, parece não merecer séria dúvida que o humanismo, que foi talvez mais um processo de que uma corrente — para além do muito que no humanismo tenha havido de moda —, não é redutível a uma única e predominante tendência ou acento. O autor, sem grandes discussões, aliás, parte do postulado de Petrarca grande fundador do humanismo, acentuado mesmo que a linha que vai dele a Valla é o «vero asse portante nell'elaborazione della cultura umanistica» (p. 16), muito embora o presente volume inclua ainda um outro trabalho de Elena Zaffagno, em que é evidenciado como um aspecto importante da personalidade cultural e literária de Petrarca — a busca apaixonada de textos antigos — se documenta nos finais do séc. XIII.

Não pode iludir-se a importância determinante de Petrarca na história literária e cultural europeia — bem mais funda do que, por exemplo, a de Erasmo, certamente devido ao facto de aquele ter escrito em língua vulgar também —; da mesma forma é evidente o papel decisivo de Valla na história da filologia e, através dela, na crítica do texto sagrado, para o que bastaria referir a sua argumentação em torno da falsidade da doação de Constantino e as *adnotationes* ao Novo Testamento, que Erasmo editou e utilizou. Contudo, e à parte a justeza dos pontos de vista do autor, não terá ele esgotado todo o sentido da «dialéctica» que encontra no interior do humanismo, definida entre a recusa da Idade Média e o refazer-se no modelo da Patrística. Ladeando um pouco a questão, mas não a iludindo, estudos recentes, centrados na problemática da sensibilidade religiosa, têm vindo a evidenciar como algum humanismo, para além do veio patrístico de que se alimentou, buscou nos autores do séc. XII — o período da grande afirmação monástica — um outro modelo, também religioso. E bem menos paradoxalmente do que se afigurará, os autores antigos contribuíram para esse retorno acentuado ao ideal monástico que caracteriza certa reforma religiosa do séc. XVI. Na verdade, o interesse por escritos morais de Plutarco, Cícero e Séneca conduziu a um alargamento da problemática relacionada com a questão de se saber qual o melhor tipo de vida para o cristão.

O cruzamento da linha religiosa com a profana é inevitável na abordagem do humanismo, e um dos pontos mais sensíveis era exactamente o valor do monacato face à «vita civile», assunto que os humanistas não inventaram totalmente, mas a que deram uma outra amplidão a partir do que aprendiam nos antigos. O acentuar de uma importante linha que já foi denominada de «socratismo cristão» — é certo que na dependência de Santo Agostinho — é um aspecto que se deve pôr em relação com a leitura dos autores antigos feita pelos cristãos dos séc. XV e XVI.

Isto escapa um pouco no trabalho de Fubini, atido mais à questão da «verdade» segundo os critérios de Valla, subjacente à importância que atribui ao *De voluptate*, obra que se inscreve numa linha de meditação filosófica e religiosa — e no humanismo as duas são dificilmente distinguíveis — sobre o valor da vida mundana e das obras mundanas realizadas pelo homem. Recordar-se-ia aqui com Garin a importância do *De dignitate et excellentia hominis* de *Giannozzo Manetti*; mas se quiséssemos explorar o filão, haveria que relembrar o último *colloquium* de Erasmo, denominado «Epicureus», editado três anos antes da sua morte.

Um outro interessante trabalho, porém, mostra-nos como o exemplo literário antigo podia injectar num dado estado literário uma pista ou uma solução nova. Referimo-nos ao estudo de Gianvito Resta sobre o «Codice bucolico boccacciano», onde fica evidenciada a maneira como o autor de *Il Decameron* fez sair a poesia bucólica da tentação «per il genere volgare della «tenzone»», graças exactamente ao modelo virgiliano. Em Boccaccio a adesão ao modelo de Virgílio opera-se não só a níveis de relativa evidência, como seja a simples utilização de versos, mas também a níveis mais profundos, como seja a reprodução de metáforas ou de certos movimentos característicos como os *adynata* (p. 78).

O presente volume não inclui trabalho algum sobre Petrarca, o que nos parece ser um índice de uma preocupação séria, a de sair dos autores «maiores» que, por esse mesmo facto, têm sido objecto de estudo mais denorado, para se abordarem outros textos que, na sua menor divulgação, podem ser ainda mais significativos de certas facetas que só a investigação erudita é capaz de valorizar. Não admira

por isso que numa miscelânea filológica como esta o interesse se dirija a outros autores que exemplifiquem melhor a presença dos clássicos na Idade Média e no Renascimento, embora no *Africa* de Petrarca seja palpável a influência de Virgílio.

O autor mais antigo estudado aqui é Remigio d'Auxerre, comentador do *De nuptiis Philologiae et Mercurii* de Marciano Capella. Claudio Leonardi mostra como, distanciando-se dos comentadores coevos, perante um texto tão complexo como o *De nuptiis*, Remigio procura entendê-lo, tentando elaborar um comentário contínuo, como de quem compreendeu o significado da obra. Trata-se de uma atitude precursora da filologia humanística. Esta, porém, ajudava a ultrapassar os limites do comentário e instigava à própria criação literária. Este aspecto é abordado por Francesco Tateo num estudo que nos pareceu muito interessante sobre o léxico dos comediógrafos na facecia latina do Renascimento, onde é especialmente objecto de atenção o *De sermone* de Giovanni Pontano, obra sobre a qual Georg Luck escreveu um útil estudo com o título «Vir facetus: a Renaissance Ideal», que o autor não refere. O presente trabalho contrapõe a doutrina do ridículo em Pontano e em Poggio Bracciolini. Ambos se inspiram no modelo plautino, mas enquanto Pontano utiliza um «gioco intellettuale» centrado na palavra e não nos *topica*, Poggio considera que entre a língua latina da comédia de Plauto e o toscano havia uma comunicabilidade, competindo-lhe a ele a «funzione di trascrittore in Latino della facezia toscana» e ainda considerar «i testi dei comici come il corrispettivo del volgare toscano» (pp. 108-109). Estamos no limiar da questão da relação entre a língua vulgar e o latim, aspecto importante e controverso no seio do humanismo, como o autor reconhece. E aí ganha raízes o carácter obsceno das *Facetiae* de Poggio.

A presença dos clássicos da comédia latina fica ainda patenteada num outro trabalho centrado na *Historia de duobus amantibus* de Piccolomini; conforme o autor, Giulielmo Bottari, salienta, Piccolomini manifestava um particular interesse pelo teatro latino e em especial por Terêncio ao tempo em que elaborava a *Historia*: «Tutto nella *Historia* richiama l'urbanitas del commediografo romano, filtrata però attraverso la lezione decisiva di altri testi poetici: Virgilio e Ovidio soprattutto» (p. 126). As relações entre o teatro e a narrativa novelesca foram frequentes no Renascimento, como A. Stäuble já estudou e o autor não esquece.

Um bom exemplo da criação poética por parte de um erudito é-nos dado pela análise que Giacomo Ferrau faz da elegia de Policiano *In violas*, que retoma um tema clássico, embora inserido na área florentina e quatrocentista. Para além de ressaibos petrarquistas, anota o autor a influência de Catulo, Virgílio e Ovidio. São estes os poetas latinos mais frequentemente referidos nos estudos incluídos neste volume, o que revela sem dúvida certa preferência da parte dos humanistas. Uma vez parecem utilizados de uma maneira mais «poética», outras surgem atrás de composições de circunstância, de que é exemplo o poemeto de Gianandrea Ceva em louvor do Banco de Génova, de acordo com o estudo de Cesare Federico Goffis. Por sua vez, o modelo da *epistola amatoriale* das *Heroides* ovidianas vem apontado num outro trabalho sobre Pontano, elaborado por Giulio Puccioni, agora a propósito da carta de Filipe a Faustina, incluída no *Parthenopeus*, livro I, 10. Trata-se de uma poesia que, conforme é salientado, apresenta o sinal de traços das *artes dictandi* medievais e que, como tal, exemplifica a permanência de linhas medievais no humanismo. Mas Pontano imitador de Catulo é ainda o tema do texto

de Adriano della Casa, que estuda as fontes clássicas do poema 2 do livro II dos *Hendecasyllabi*; na p. 268 o autor apresenta uma lista de poetas e prosadores latinos cuja presença verificou no referido poema de Pontano: a primazia vai claramente para Catulo, seguindo-se-lhe Plauto, Propércio e Tibulo.

Os limites entre o exercício do humanista e a criação artística do poeta são muitas vezes difíceis de definir. O presente volume parece patentear-nos ainda mais quanto o humanismo italiano viveu da *imitatio* e da *aemulatio* dos autores antigos. Estes chegaram a constituir modelos exclusivos, como bem o demonstra o estudo de Giuseppina Barabino das fontes clássicas do *Hortulus* de Valafrido Strabone, onde não se encontra planta alguma que não fosse conhecida dos naturalistas antigos; e Plínio, com a *Naturalis Historia*, é a fonte praticamente omnipresente, como salientam os quadros apresentados pela autora. Na verdade, longe do contacto com a outra fonte de incentivos à inovação que é a experiência, o livro de Strabone não ultrapassa a fonte de informação livresca. Garcia de Orta, em contacto com outra realidade bem diferente, oferecerá algo de bastante novo nesse campo. E já foi mostrado pelo prof. Herculano de Carvalho como as línguas europeias receberam algum vocabulário respeitante às «novidades» orientais através da tradução francesa da *História* de Castanheda.

Obviamente este outro horizonte não pertence ao da filologia humanista italiana. Os autores, nas várias monografias deste volume, souberam evidenciar uma particular faceta do humanismo: o aproveitamento dos textos dos autores antigos; o descobrimento dos códices fora já estudado por um outro italiano, Remigio Sabbadini.

Uma lição, enfim, se deve extrair deste conjunto de estudos filológicos: a que aponta para a verificação de que a influência dos clássicos percorre não só os grandes nomes do humanismo italiano, mas também os mais modestos, como esse G. Ceva que elogiou o banco de Génova em termos virgilianos. Para além de tudo o mais, e mesmo para além da possibilidade de um tal assunto servir para a celebração da *virtù* humana, temos de reconhecer que o humanismo foi também uma moda. Conviria, pois, recordar o que Policiano escreveu no prefácio do livro das *Miscelâneas*, dedicado a Lourenço de Médicis.

JORGE A. OSÓRIO

RUDOLF PFEIFFER — *History of Classical Scholarship from 1300 to 1850*.  
Clarendon Press — Oxford 1976. ix + 214 pp.

Nesta história do saber adquirido sobre o mundo antigo o Autor faz-nos percorrer cinco séculos e meio de ciência literária europeia. Não fora o risco de certa imprecisão e poder-se-ia dizer que o percurso oferecido ao leitor é o do «humanismo» europeu; com uma condição: a de cingirmos o conceito de «humanismo» ao âmbito restrito do estudo dos textos da literatura clássica e das respectivas línguas. Colocada a questão neste pé, aceitemos a continuidade que indubitavelmente nos